
Mídia local nas páginas da web: fronteiras culturais no espaço das fronteiras nacionais em Livramento(BR)-Rivera (UY)¹

Local media in web pages: cultural boundaries within national borders in Livramento (BR)-Rivera (UY)

Los medios locales en las páginas web: fronteras culturales en espacios de fronteras nacionales en Livramento (BR)-Rivera (UY)

Recebido em: 30 jan. 2013

Aceito em: 23 jun. 2013

Karla Maria Muller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-RS, Brasil)
Docente da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação - Linha Mediações e Representações Culturais e Políticas. Contato: kmmuller@ufrgs.br

Vera Lucia Spacil Raddatz

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí-RS, Brasil)
Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS); Mestre em Comunicação Social (UMESP); Professora e pesquisadora do Mestrado em Direitos Humanos e do Curso de Comunicação Social (UNIJUI). Contato: verar@unijui.edu.br

Ivan Bomfim

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-RS, Brasil)
Doutorando em Comunicação e Informação no PPGCOM/ UFRGS; bolsista CAPES;
Mestre Comunicação e Informação no PPGCOM/ UFRGS; Jornalista (CUBH) e Historiador (UFMG). Contato: ivanbp17@gmail.com

¹ Artigo baseado em paper apresentado no XI Congresso da Associação Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação (ALAIIC): **La investigación en comunicación en América Latina: interdisciplina, pensamiento crítico y compromiso social**. - GT Comunicação e Estudos Socioculturais. UDELAR/ Montevideu/UY – 2012.

RESUMO

Este artigo traz as reflexões sobre o terceiro ciclo da pesquisa cuja temática é Mídia e Fronteira. O material foi coletado em sites e portais de periódicos sediados em espaços de fronteiras nacionais do Brasil com seus vizinhos Uruguai, Argentina e Paraguai. A proposta busca fortalecer o debate que destaca a importância da participação da mídia local na construção da cultura e da identidade fronteiriças, com inferências direcionadas para o caso da fronteira do Brasil com o Uruguai, no espaço de Livramento-Rivera. Neste caso, a versão online do jornal A Platéia e da rádio RCC assume a condição de agente, publicizando as práticas do lugar para além do local, agora também via internet.

Palavras-chave: Mídia e fronteira; Mídia online; Cultura e identidade fronteiriça; Fronteiras culturais; Fronteira Livramento-Rivera.

ABSTRACT

This article presents reflections on the third cycle of the research whose theme is Media and Frontier. The material was collected at sites and portals based on periodic spaces of Brazil's borders with its neighbors Uruguay, Argentina and Paraguay. The proposal seeks to strengthen the debate that highlights the importance of involving the local media in the construction of culture and border identity with inferences directed to the case of Brazil's border with Uruguay, in the space of Livramento-Rivera. In this case, the online version of the newspaper A Plateia and RCC radio assumes the condition of agent, publicizing the local practices beyond the site, now also via internet.

Keywords: Media and border; Online media; Culture and identity border; Cultural boundaries; Livramento-Rivera border.

RESUMEN

En este artículo se presenta una reflexión sobre el tercer ciclo de la investigación que tiene como tema los medios de comunicación y la frontera. El material fue recolectado en los sitios y portales de periódicos basados en espacios de fronteras de Brasil con sus vecinos Uruguay, Argentina y Paraguay. La propuesta busca fortalecer el debate que pone de relieve la importancia de la participación de los medios de comunicación locales en la construcción de la cultura y la identidad fronteriza con inferencias dirigidas al caso de la frontera entre Brasil y Uruguay, en el espacio de Livramento-Rivera. En este caso, la versión online del periódico A Platéia y la radio RCC asume la condición de agente, dando a conocer las prácticas del lugar más allá del local, ahora también a través de internet.

Palabras clave: Identidad y frontera; Medios de comunicación online; Cultura y fronteras; Fronteras culturales; Frontera Livramento-Rivera.

Apresentação

Embora o mundo pareça estar todo conectado, com interesses comerciais globalizados e marcas culturais mundializadas, o fenômeno fronteira tem recebido atenção de diferentes áreas do conhecimento. A facilidade de mobilidade, de ultrapassar barreiras físicas, o convívio com a diferença, entre outros fatores, por mais estranho que possa parecer, estimula a pensar em questões como limites e pertencimento a estruturas socioculturais demarcadas, como as identidades de viés nacional.

É neste contexto que se incluem as fronteiras nacionais, as fronteiras culturais e a mídia local, centro do objeto deste estudo. O primeiro elemento configura-se em marcos geopolíticos que definem a soberania de um Estado, o território normalmente habitado por uma nação. O segundo item corresponde aos fazeres, aos dizeres, às práticas desenvolvidas por sujeitos que se identificam uns com os outros, definindo peculiaridades que lhes são comuns, como a língua, hábitos e costumes. No último componente estão incluídos os meios de comunicação de massa, no caso específico aqueles que elaboram suas mensagens no espaço das fronteiras e que, até bem pouco tempo, consideravam seu público-alvo, quase que exclusivamente, o sujeito fronteiriço.

O entrelaçamento de tais elementos é base para este artigo, um dos primeiros frutos do projeto de pesquisa “Práticas Socioculturais Fronteiriças na Mídia Online”. No foco do debate estão sites e portais produzidos em espaços de fronteiras nacionais brasileiras, com países vizinhos. São os sites dos jornais A Platéia – que inclui um link à Rádio RCC (ambos de Santana do Livramento, cidade conurbada a Rivera, no Uruguai) e o Momento de Uruguaiana (da cidade de Uruguaiana, semi-conurbada a Paso de Los Libres, localizada no nordeste da Argentina); e os portais de tríplices fronteiras como a Folha Portal (de Barra do Quaraí, município brasileiro que faz divisa com Bella Unión, no Uruguai e Monte Caseros, na Argentina) e A Gazeta do Iguazu Online (de Foz do Iguazu, vizinha a Puerto Iguazu, na Argentina e Ciudad del Leste, no Paraguai)².

O recorte está baseado em material disponibilizado por estas organizações midiáticas e se constitui de informações e notícias sobre acontecimentos locais, propiciando ao internauta a construção da imagem do lugar. A perspectiva da reflexão

² Cabe destacar que a Platéia, por ser um veículo de mais de 60 anos em circulação e a empresa do qual faz parte estar bem estruturada, é o único que mantém atualizações regulares no portal e disponibiliza edições anteriores para a leitura dos internautas. Os demais veículos por vezes não são atualizados e até saem do sistema temporariamente.

vai ao encontro dos estudos das fronteiras culturais e analisa sites de jornais, rádios e portais que, a partir dos modos e estratégias de operação, participam da construção/manutenção da cultura e da identidade fronteiriça para além dos limites territoriais.

O grupo que elaborou o texto é composto por pesquisadores que há quase quinze anos desenvolvem estudos ligados à temática Mídia e Fronteira, envolvendo questões relativas à América Latina. Dão sustentação à reflexão teórico-metodológica autores consagrados nas Ciências da Comunicação e áreas afins, trazidos ao debate em estudos anteriores como Bourdieu, Geertz, Goffman, Hall, Thompson, García Canclini, Eagleton, Traquina, Bardin etc. E outros mais recentes que contribuem para a análise dos fenômenos ligados às fronteiras nacionais e culturais e os meios de comunicação, dos quais destacamos Said, Gomiz, Martins, Bentancor, Prado, Hercovitz etc.

Embora a atual pesquisa configure-se no terceiro ciclo de investigação (1º - 2000-2003, 2º - 2004-2007, 3º - 2008-2012), este texto diz respeito às primeiras discussões sobre o novo período, para o qual está sendo selecionado apenas material veiculado na versão online dos meios de comunicação sediados em espaços de fronteiras brasileiras. O recorte temporal da coleta inclui acessos a sites e portais entre os meses de agosto e novembro de 2011³. O recorte aqui apresentado está centrado nos veículos A Platéia online e na rádio RCC, entretanto, o posicionamento analítico considera questões tratadas em etapas anteriores da pesquisa Mídia e Fronteira. Neste aspecto, cabe destacar que o conhecimento agregado com relação ao estudo do processo comunicacional – envolvendo produção, circulação e recepção (e a relação destas mídias com seus diferentes públicos) - como um todo, permeia nosso olhar crítico.

Por isso, consideramos relevante apresentar e descrever as mídias definidas previamente como objeto deste ciclo da pesquisa, para darmos início à análise de conteúdo, distribuindo os textos selecionados em categorias que demonstram como as organizações midiáticas participam dos movimentos fronteiriços como sujeitos, agentes do contexto social.

Relações em espaços de fronteiras

³ Colaboraram com a coleta do material as graduandas Nathalia Nunes do Prado, Mirian Social Barradas e Hanai Honna Esteves, alunas da disciplina Laboratório de Pesquisa 2011-2 do DECOM/ FABICO/ UFRGS.

É importante observar que o fenômeno das fronteiras (e tudo o que este engendra, em especial as dinâmicas relacionais entre grupos humanos considerados populações nacionais distintas) é fruto da estruturação do Sistema Internacional, cujo representante matricial é a definição do Estado como organização social preponderante. Desde a chamada Paz de Vestfália (1648), a figura estatal é aceita como soberana, porém foi o advento do Estado-nacional (HOBSBAWM, 2008) que possibilitou a conformação de uma identificação de contornos arbitrários a um território delimitado. A identidade nacional, ostentada por indivíduos que, muitas vezes, partilham de pouquíssimas referências em comum, tem em seu cerne a aproximação aos conceitos de nação – comunidades imaginadas baseadas em ancestralidade, segundo Anderson (1991). Como afirma Hall (1998), a identidade nacional é um discurso, calcado na construção de narrativas que arregimentem um entendimento comum do que é a “nação”. Concebem-se as culturas nacionais como “atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (THOMPSON, 1998:62).

Nesse sentido, compreender as relações entre os países vai muito além de observar aspectos simplesmente “políticos”, como se o espaço das disputas políticas pudesse ser apartado da relação entre indivíduos. Quando observamos questões relacionadas às fronteiras em consideração político-jurídica (os limites reconhecíveis – poderíamos dizer “objetivos” – dos construtos estatais), a divisão de espaços associados a países incorre numa situação de opacidade de outras variáveis. E as identidades nacionais, representadas por tipos brasileiros, uruguaios, argentinos e paraguaios, por exemplo, acabam por serem tomadas a partir de uma consideração ontológica – ou seja, como se, fundamentalmente, os seres humanos fossem diferentes apenas por terem nascido em lados diferentes de uma barreira imaginária.

Observando os processos de escamoteamento cultural nas relações políticas, Martín-Barbero (2003) afirma que este acaba suscitando uma instrumentalização. Neste sentido, a política esconderia a cultura como um fator de relevância. O poder, assim, seria constituído a partir de instituições, do controle sobre os recursos, da força das armas. A política, aceitando-o nesta forma, desconsidera o valor da cultura, com a ressalva de quando esta é tomada como institucionalizada.

Mas, como se sabe, por um lado não são os Estados definidos a partir do uso de

apenas um sistema idiomático⁴. Ademais, as práticas socioculturais dos habitantes destas cidades podem ser tanto diferentes quanto, comparativamente, as de moradores de São Paulo e Porto Alegre. Por outro lado, o conceito de hibridização cultural permite perceber formas de sociabilidade comuns aos grupos que vivem nessas localidades, o que engloba a utilização comum de expressões idiomáticas em línguas diferentes da idealmente “língua-pátria”, por exemplo. Assim, a auto-organização estrutural das populações fronteiriças exemplifica os limites inerentes à ideia de Sistema Internacional, mostrando a arbitrariedade das noções de identidade nacional, principalmente por esta ignorar o compartilhamento de aspectos socioculturais em nome de muros imaginários.

De qualquer forma, a dinâmica entre os povos e indivíduos supera, de maneira evidente, qualquer tipo de petrificação dentro de limites fronteiriços. A hibridização cultural, decorrente da coexistência nessas regiões, desafia a compreensão do mundo estático que a divisão em países acaba por promover (CANCLINI, 1998) – estruturação esta com fundamentos historicamente localizados na ideia de Modernidade. A composição social em cidades como Santana do Livramento, Uruguaiana, Barra do Quaraí e Foz do Iguaçu reflete no sistema de suas indústrias midiáticas, direcionadas a públicos que, a partir de olhares originários de outros lugares, poderia ser notado como “heterogêneo”. Esta consideração faz sentido a partir da concepção do elemento nacional como definidor da realidade social – sendo este exemplificado de maneira crucial pelo idioma.

Cultura, identidade e comunicação

Dentro de uma perspectiva contemporânea, forças até então hegemônicas, devem ser relativizadas, face às novas possibilidades que as tecnologias e a internet propiciam, posicionando-se como um canal aberto de difusão da cultura e da informação. A cultura não pode ser considerada de um ponto de vista pragmático, mas como representação simbólica do real, em que os sujeitos e seus modos de vida são seus

⁴ Exemplos são numerosos, como países cuja utilização de dois ou mais idiomas acontece em todo o território (como no Paraguai) ou Estados nos quais ao uso de uma língua está circunscrita a apenas uma região (Canadá) ou regiões (Espanha). Mesmo no Brasil, que possui uma integridade territorial muito ligada à expansão do português, idiomas indígenas são utilizados em muitas localidades, assim como comunidades de imigrantes se expressam em alemão, italiano, etc.

principais elementos constitutivos. A mídia, nesse contexto, tem dimensão sociocultural, porque ela é a possibilidade de se colocar como um ator social que observa, interage e intervém na realidade, contribuindo para o alargamento das fronteiras e as relações de interculturalidade. As práticas discursivas daí decorrentes alimentam a construção de identidades que vão se formando à luz das interações e da mobilidade dos povos, não apenas nos territórios geofísicos que habitam, mas também nos limites da sociabilidade do universo virtual.

Hoje se vive a cultura do excesso, do efêmero e do consumo. Um tempo de velocidade e movimento, no qual tudo vai se construindo no mesmo instante em que se transforma. É a hipermodernidade, em que “não há escolha, não há alternativas, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela ‘evolução’” (LIPOVETSKY, 2004:3). Consequentemente, a identidade também se processa não mais como algo fixo: “Sim, é preciso compor sua identidade pessoal de forma como se compõe uma figura com peças de um quebra-cabeça, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça incompleto, ao qual falem muitas peças” (BAUMAN, 2005:54).

A identidade é algo em permanente construção, resultado dos diálogos e interações que os sujeitos estabelecem com outros sujeitos. Define-se identidade como um complexo de identificações e afinidades que se formam, fundem e se transformam continuamente, à medida que se relacionam e se inserem no seu tempo e no seu espaço, trocando saberes, experiências e conhecimento. Por isso, cada vez mais, quando se faz referência à identidade cultural está se falando de práticas socioculturais, que enquadram os fenômenos decorrentes do sujeito ativo em sua cultura, num lugar cuja territorialidade considera a questão do plano físico e do criado pela web, numa conjunção de traços, marcas e objetos que produzem sentido e geram novos enunciados: “As identidades se tornam desvinculadas – desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem flutuar livremente” (HALL, 2006:75).

Portanto, a identidade cultural está diretamente relacionada às práticas socioculturais dos sujeitos e às identificações constituídas neste espaço, que nesta concepção denomina-se ‘aqui-agora’. Esta definição vai ao encontro do caráter do efêmero e do líquido (BAUMAN, 2005), de que se constitui boa parte das ações e dos objetos da sociedade. O ‘aqui-agora’ traduz o espírito de uma época fugidia, em que os sujeitos e os objetos ganham e perdem importância, dependendo do lugar e do momento em que estão, dos discursos que emitem e das reações que isso provoca em outros

sujeitos com os quais contracenam naquele momento. O ‘aqui-agora’ representa a prática do ‘ser-estar’ em que determinadas identidades são acionadas para atender necessidades e expectativas. Desse ângulo, a identidade do sujeito está sempre relacionada à identidade de outro sujeito, portanto produto de uma cultura de identificações e de rupturas subsequentes. Essas rupturas armazenam a essência da identidade, porque nascem de paradigmas que não se constroem no isolamento, mas na interação com o outro. É a capacidade de romper com o que está posto até então para imediatamente remodelar-se, que produz a identidade do sujeito deste tempo do ‘aqui-agora’.

Considerando a complexidade do momento, torna-se impossível pensar a cultura distante da comunicação. Enquanto a primeira se define como modos de vida, concepções de mundo que vão além do imaginativo e do intelectual para compreender a sociedade no conjunto de relações com a história, a economia, a política, a ideologia e o poder, a segunda é objeto não estanque e em contínua mobilidade.

A comunicação é um lugar de representação do mundo em que os sujeitos e as coisas se inter-relacionam num estado constante de movimento. É um organismo vivo que fala por si mesmo, a partir de uma pluralidade de vozes de outros, narrando problemáticas e experiências, contando histórias, descrevendo fatos e interpretando as práticas do cotidiano e as transformações da sociedade. Os espaços são dinâmicos e todas as relações que ali ocorrem, compreendem formas que podem ser remodeladas, discutidas e processadas.

A mídia não está alheia a esse conjunto de fenômenos e contribui para legitimar as feições dessa cultura, inclusive evidenciando alguns desses elementos, especialmente aqueles que dizem respeito ao cotidiano de sua esfera de abrangência. Tais fenômenos estão inseridos em contextos sociais estruturados (THOMPSON, 1995), próprios de uma cultura, que implica em diversidade e pluralidade, em espaços nos quais podem ser observados elementos pertencentes a um ou outro grupo de indivíduos, sinalizando fronteiras culturais (MARTINS, 2002), mas que nem sempre se configuram em barreiras efetivas, servindo para indicar a existência da diferença. Da mesma forma, a mídia de fronteira, ou seja, a localizada em regiões limítrofes do Brasil com outros países como Uruguai, Argentina e Paraguai, evidencia questões que fazem parte dos modos de vida das comunidades a que pertence, alimenta-se delas e as reinterpreta.

Mídia em espaços de fronteiras

As facilidades tecnológicas, a proximidade geográfica, as políticas de boa vizinhança e principalmente as relações econômicas, políticas e culturais deram lugar a uma maior integração social entre as comunidades fronteiriças. Propiciaram a vivência da cultura do outro por meio do rádio (RADDATZ, 2009), do jornal (MULLER, 2003), de emissoras de TV (CANCIO, 2011) e de aparatos tecnológicos – como celular, antenas parabólicas, DVDs - (MARTINS, 2011) que promovem o acesso à informação.

As emissoras de rádio brasileiras localizadas em áreas de fronteira nacional, como Uruguaiana (BR)-Libres (AR), Santana do Livramento (BR)-Rivera (UY), Foz do Iguaçu (BR)-Ciudad del Este (PY) por exemplo, nasceram da iniciativa do governo de criar barreiras eletrônicas nesses territórios para inibir a entrada livre, principalmente do idioma estrangeiro, da música e das informações acerca do país vizinho, o que pode ser visto como uma espécie de proteção ao patrimônio cultural brasileiro. Entretanto, o que na década de 30, 40 e 50 era uma barreira, hoje se constitui em fator de proximidade e integração.

Tanto os brasileiros quanto os estrangeiros, e estes em maior número, mantêm a prática de interagir com a rádio do país vizinho, por meio do contato telefônico⁵. Ao ligar o rádio, verifica-se a forte presença dos traços da cultura local, do país de origem, mas é visível também o aspecto das influências culturais por meio da língua e da música. Os ouvintes pedem músicas, interagem pela internet, mandam torpedos pelo celular e o locutor corresponde a essa audiência, referindo-se aos pedidos com uma saudação em língua estrangeira.

No caso dos jornais fronteiriços, a língua também surge como elemento integrador⁶. Com a permissão do leitor, empresas jornalísticas situadas na linha divisória do Brasil com seus vizinhos do Cone Sul, empregam o espanhol em colunas e cadernos especiais, ou mesmo mesclam os textos em português com algumas expressões idiomáticas da região e da língua falada do outro lado da linha divisória. Além disso, reportagens e imagens que compõem as páginas dos jornais trazem marcas do espaço e

⁵ As linhas telefônicas entre as cidades fronteiriças estão interligadas e o custo das ligações tem valor de chamada local.

⁶ Em estudos anteriores, identificamos inclusive textos em árabe (MULLER, 2003), atendendo grupo marcante na comunidade local, hoje representados na maioria por palestinos.

dos sujeitos locais, deixando clara a existência de cidades-gêmeas, habitadas por povos de mais de uma nacionalidade.

Essa interação é positiva do ponto de vista tanto social, quanto cultural e revela traços da mídia que só existe na fronteira. Como na Argentina, no Uruguai e no Paraguai a população fala o espanhol, no caso dos programas radiofônicos, verifica-se nessas regiões outra forma de comunicação denominada de ‘portunhol’, que se caracteriza pela mistura dos idiomas português e espanhol, falado por todos os nativos e rapidamente assimilado pelos forasteiros. Ou seja, o mesmo portunhol que está nas ruas é ouvido também nas rádios e nas falas dos locutores, de modo natural e autêntico, sempre que houver necessidade de contato ou de referência ao ouvinte ‘estrangeiro’, na verdade, o vizinho. É como se ao falar a língua do outro, houvesse uma maior aproximação, o reconhecimento de sua existência ou, quem sabe, a valorização da participação dessa audiência. Ou, ao estruturar uma linguagem ‘marginal’, ficasse estabelecido o movimento e a presença de uma diferenciação de uso exclusivo pelos moradores do lugar, com marcas regionais.

Para as emissoras de TV estabelecidas na fronteira este exercício é mais delicado de ser realizado. Neste veículo as regras de produção são mais rígidas e obedecem a padrões de redes regionais e nacionais. Porém é inegável a necessidade de ‘falar’ sobre os sujeitos fronteiriços. Tanto os agentes daqui (do lado brasileiro), como os de lá (pertencentes ao país vizinho) podem ser atores nos acontecimentos que se desenrolam no espaço fronteiriço, por isso passam a ser tratados nas notícias veiculadas para a região. Além disso, muitos dos entrevistados que aparecem nas notícias locais falam a ‘língua da fronteira’, com caracteres próprios do lugar.

Entretanto, a fronteira é também um território de conflito e guarda as marcas das disputas pela terra que a história se encarrega de contar. A mesma relação de proximidade geopolítica, em questão de minutos, pode significar a razão para o afastamento. Na prática, a integração é uma política de bons resultados, mas que não apaga as diferenças. Apesar da globalização e abertura dos mercados, a partir do Mercosul (Mercado Comum do Sul), as regiões de fronteira sempre serão objetiva e subjetivamente o traço de separação. Qualquer rumor na área econômica ou política afeta diretamente, em primeiro grau, os povos que vivem nestas regiões.

Na mídia de fronteira, por exemplo, os fatos que mais interessam são: o movimento da aduana, a cotação das moedas no câmbio do dia, o nível do rio, o trânsito

internacional e as barreiras nos limites das nações vizinhas. As notícias não deixam de lado o setor policial e informam situações de roubos, abigeatos, tráfico ou quaisquer tipos de violência. O local e o internacional se revestem da mesma importância, permeada pelo critério de uma vigilância permanente por parte dos produtores da notícia, quanto ao modo de documentar os fatos dessa realidade.

A zona de localização dos meios de comunicação locais, por ser fronteira internacional, posiciona a região como um lugar de integração e um espaço de tensão ao mesmo tempo, qualidades estas que se reproduzem no jornalismo diariamente por meio das falas dos locutores e repórteres, dos textos, das imagens e das pautas trabalhadas. O rádio, o jornal e a TV de fronteira refletem o cotidiano característico dos povos e das nações ali representadas. Estas práticas reafirmam sentidos, conceitos e a práxis de uma comunidade no seu dia-a-dia. Assim, a mídia de fronteira busca compreender a maneira como manifestações culturais individuais situam-se dentro do coletivo simbólico da cultura local e as formas como elas se apresentam como enunciados que circulam como produtos da informação.

A fronteira representada na web

Desde o advento da web a fronteira não é mais a mesma aos olhos de quem antes só ouvia falar dela e, a partir de então, passa a poder vê-la à luz do que os meios de comunicação disponibilizam na internet e o que a convivência ou a sociabilidade com os internautas propicia. Essa aproximação da fronteira pela web apresenta questões que dizem respeito à indagação do que seja realmente a fronteira, às práticas socioculturais que ali ocorrem e à linguagem utilizada para socializar esse conteúdo.

A internet compõe a tessitura das relações da hipermodernidade: “Na maior parte dos países industrializados, quase 80% da população está conectada à internet de casa, e o mesmo se aplica para as classes médias urbanas da maior parte dos países em desenvolvimento” (LEMOS; LEVY, 2010:10). Por meio de sites da internet, os internautas têm acesso a jornais, como A Platéia de Santana do Livramento, e emissoras de rádio, como Cultura de Foz do Iguaçu, ou portais de notícias como Folha Portal/Folha Barrense. Tanto do lado brasileiro, quanto dos países vizinhos, a mídia está online, abordando temas, gerando informação, estabelecendo contatos, proporcionando interação entre territórios e pessoas. Seria pertinente questionar qual é realmente a

importância que essas ações representam para o estudo das fronteiras e como isso repercute dentro e fora dela.

Observa-se na sociedade uma inserção crescente dos meios de comunicação em plataformas digitais, visando, principalmente, à ampliação dos níveis de audiência e à conquista de outros públicos, que são novos também nas formas de buscar conteúdo e consumi-lo. O internauta é um leitor multimídia, porque faz a leitura, além do texto convencional, de um conjunto de signos visuais e sonoros, que dialogam entre si e podem tanto convergir para um mesmo ponto, quanto migrar para outros caminhos que permitirem os links de navegação.

O leitor multimídia tem poder imediato de, ao mesmo tempo em que consome o conteúdo, distribuí-lo a diferentes públicos por meio das redes sociais virtuais, de forma completa ou fragmentada, com impacto viral. Essa possibilidade concreta seria suficiente para que os profissionais da mídia repensassem o que estão veiculando. Um dos acessos constantes na internet é o universo da blogosfera, que compreende o conjunto de blogs ali presentes e representa uma tendência em termos de páginas com conteúdo individualizado e que possibilita o compartilhamento de qualquer tipo de informação. A blogosfera “atende cerca de cem milhões de diários (...). Essa quantidade tende a dobrar a cada seis meses, pois todos os dias são engendrados cerca de cem mil novos rebentos, portanto, o mundo vê nascerem três novos blogs a cada dois segundos” (SIBILIA, 2008:13).

Posicionar-se nas redes sociais não é apenas uma questão de disponibilizar uma opinião. As redes são importantes ferramentas de visibilidade, função de que alguns veículos de comunicação, empresas e organizações estão utilizando racionalmente para obter benefícios.

Pesquisa realizada com o rádio de fronteira online (RADDATZ, 2009) indica que os ouvintes internautas procuram acessar emissoras que tenham relação com a sua vida, com a sua família ou com o lugar de onde provém ou estão vivendo. Esta constatação atesta que o local em rádio, mesmo no mundo virtual, precisa ser olhado como o lugar com o qual há algum tipo de identidade ou afinidade. O que se observa é uma programação que precisa atender tanto o público tradicional quanto este novo público que se abastece de informações pela web e por isso mesmo, tem acesso a uma variada gama delas ao mesmo tempo, inclusive pela rádio que hoje também se alimenta de sites, entre outros, para construir sua programação.

Da mesma forma, o leitor e espectador quando acessa notícias do jornal (MÜLLER; GERZSON; RADDATZ; BOMFIM; PRADO, 2011) e da TV na web além de buscar informações gerais, procura saber sobre os acontecimentos do contexto no qual está inserido, ou seja, quais serão os eventos culturais promovidos na sua cidade, quem esteve envolvido num incidente policial na ‘avenida principal’, quem participou de ações políticas na região.

Portanto, a mídia de fronteira online interage com os cidadãos locais e com os cidadãos do mundo, o que leva a supor uma reorganização desse espaço, no sentido de pensar a sua programação tendo em vista este ouvinte, leitor, espectador internauta, procurando transformar e adequar as informações e os saberes de modo a refletir sobre suas práticas e seus fazeres.

Jornal A Platéia e Rádio RCC

Nas fronteiras analisadas nem todos os veículos que estão online fazem uso de todos os recursos que possibilitam a relação direta e constante com sua audiência. Em Livramento, por exemplo, o jornal A Platéia⁷ e a rádio RCC⁸ são disponibilizados na internet de forma conjugada. Como a rádio e o jornal são do mesmo grupo empresarial (JK Empresa Jornalística), a página de um dá acesso a do outro e vice-versa.

A Platéia⁹ circula entre as localidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) há 74 anos, possuindo credibilidade junto ao leitor interessado em notícias sobre a ‘fronteira da paz’, como é denominada pelos habitantes locais. O site de A Plateia Online tornou-se disponível a partir do segundo semestre de 2011. O jornal faz menção à mudança de endereço eletrônico, afirmando que noticiará tudo o que os fronteiriços querem saber. Isso o coloca em uma posição de instituição que atrai para si a responsabilidade de informar o internauta leitor.

⁷ A Platéia dispõe de dois endereços eletrônicos, que se apresentam com padrões diferenciados, porém levando em consideração as questões que cercam a fronteira. O que difere ambos os sites no momento da busca foi apenas um hífen, ou seja, há o endereço A Plateia Online (<http://www.jornalplateia.com/>) e o A Plateia On-line (<http://www.plateia.com.br/>).

⁸ www.rccfm.com.br

⁹ Segundo pesquisa do Ibope, o jornal tem 37.700 leitores, o que representa cerca de 1% da participação do mercado jornalístico gaúcho. O portal disponibiliza na íntegra todo o conteúdo do jornal impresso. Também faz uso de redes sociais, como o Twitter. (A PLATEIA, Institucional “Quem somos”, sem data).

O jornal se intitula “O jornal parceiro da comunidade” (conforme slogan divulgado na home). Isso reafirma a proximidade que pretende reforçar entre o veículo (a empresa midiática) e seu público-alvo. Essa afinidade é um dos primeiros passos para estabelecer com o leitor uma relação de confiança, que objetiva tornar permanente. Porém, deve haver um cuidado para que essa relação não seja quebrada por algum tipo de adversidade, pois isso poderia comprometer os laços que o leitor institui com o periódico, deixando de lê-lo. Neste caso, arriscamos afirmar que essa confiança diz muito a respeito da reputação que o jornal adquiriu com o passar dos anos.

A rádio RCC surgiu em 1983. Após passar por diversos donos, desde 2004, encontra-se nas mãos dos mesmos proprietários do jornal A Platéia e, como destaca a home do veículo,: “Uma rádio totalmente inserida no contexto da comunidade”. Disponibilizada na web, transmite, além do som, imagens dos programas realizados no estúdio, ao vivo.

A mídia, ao mostrar a fronteira para além do que uma rádio convencional ou um jornal impresso permitem, estabelece novos vínculos e abre portas para o conhecimento da cultura de fronteira. Os meios de comunicação dispostos no novo suporte produzem, portanto, novos significados e remete a interpretações de um espaço geopolítico, impregnado de preconceitos, que desenharam a fronteira como o lugar da violência e do narcotráfico. Há muito, além disso, a ser mostrado e a internet pode ser uma ferramenta importante para redesenhar esse perfil. No caso do rádio, mostram-se os falares dos homens do lugar, sua música e sua cultura, mesmo que ainda sejam recorrentes as notícias relativas aos problemas fronteiriços; nos jornais, imagens e a composição das notícias auxiliam a ‘ver’ a fronteira de modo diferenciado.

O fato de disponibilizarem a leitura do jornal online e a visualização de fotos e notícias como no jornal impresso mostra uma forma diferenciada na relação jornal-leitor. O internauta pode ler o jornal na tela do seu computador sem sair de casa e folheá-lo como faria com o jornal impresso. Por um lado, apesar de ser um bom recurso, o jornal não aproveita o espaço da web para acrescentar elementos como mais fotos ou links relacionados nessa área de leitura na tela. Por outro lado, ao final de cada notícia, podem ser encontradas indicações de reportagens relacionadas, tags e comentários, o que facilita tanto a busca dessas informações e das próprias notícias do jornal como a interação e participação dos leitores.

Embora tanto esta emissora de rádio como este jornal estabeleçam poucos recursos para interação do leitor com os veículos, há nas versões via web a opção de replicar as notícias através das redes sociais digitais como o Facebook, o Twitter e o Orkut, adicionar ao LinkedIn, enviar via Gmail, E-mail Program e imprimir com PrintFriendly. Ou seja, ampliar as formas de divulgação das informações fornecidas por estes veículos e a relação como o leitor e radiouvinte, utilizando as facilidades da internet.

Considerações

Percebe-se que boa parte da mídia online situada nas regiões das fronteiras, progressivamente, aproveita os canais digitais das redes sociais, mesmo que ainda não de forma integral, configuração esta que pode se alterar a qualquer momento, justamente pela velocidade das mudanças nesta área. A atualização é necessária e constante. Algumas dessas rádios, por exemplo, oferecem acesso pelo Sistema RDS a automóveis, aparelho celular e Mp3. Os meios de comunicação situados na fronteira e disponibilizados online constituem-se em uma nova possibilidade de contrapor pontos de vista sobre a imagem da fronteira, contribuindo para que a representação do lugar seja o mais próximo possível da realidade.

A partir de um primeiro olhar crítico sobre as reportagens e editoriais do portal A Platéia e do acesso à rádio RCC online, percebemos que a integração fronteiriça é uma questão frequentemente presente no discurso do veículo. Alguns fatores contribuem para esta interação, como o esporte, eventos culturais e mesmo os assuntos policiais, que poderiam tornar-se objeto de rivalidade entre brasileiros e uruguaios (no caso da fronteira do Brasil com o Uruguai, no espaço de Livramento-Rivera) são tratados com naturalidade pelos portais.

Nas notícias policiais, parece que o portal procura destacar a ação eficiente e conjunta das polícias dos dois lados. Nota-se que as diferenças de idiomas não constituem barreiras comunicacionais para este jornal e rádio via internet. No caso do jornal, mesmo havendo uma seção em espanhol destinada principalmente ao público uruguaio, notícias neste idioma são publicadas também em outras editorias. Na rádio, além da seleção musical rodar músicas de compositores e intérpretes locais da região e do país vizinho, com frequência, “hispano-hablantes” participam dos programas e

entrevistas ao vivo, sem a necessidade de um intérprete, o que não cria impacto nos radiouvintes da região.

E é neste movimento e com uma dinamicidade própria que a fronteira passa a ser vista, ouvida, lida (e vivida) para além das linhas divisórias dos territórios dos países envolvidos. O sujeito fronteiro, e a mídia é um deles, age e constrói o espaço com características e elementos que lhes são comuns e próximos. O que poderia significar entraves na relação das empresas midiáticas e seu público receptor – entre eles a língua e as políticas de soberania dos Estados -, em conurbações como Livramento-Rivera representa um diferencial, numa referência que identifica a cultura e o homem do lugar: o uso das línguas portuguesa e espanhola, a configuração do espaço com contornos internacionais. E isto está posto para o habitante daquele espaço e também disponível para qualquer indivíduo que deseja perceber a fronteira e, mesmo distante, consegue captá-la com suas marcas, via internet, através de sites e portais como os de A Platéia Online e da rádio RCC.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CANCIO, M. **Televisão fronteiriça:** TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A editora, 1998.

HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780:** programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LEMONS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTINS, Maria H. (org.). **Fronteiras Culturais:** Brasil, Uruguai, Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MARTINS, Tiago C. **Vida de gaúcho campeiro:** cultura regional, mídia e desenvolvimento. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

MÜLLER, K. M. **Mídia e fronteira:** jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese de Doutorado. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Disponível em www.midiaefronteira.com.br

_____; GERZSON, V. R. S.; RADDATZ, V. L. S.; BOMFIM, I.; PRADO, N. N. **Práticas socioculturais fronteiriças no jornal A Platéia:** do local ao global. In: Revista Intexto. v. 1. Porto Alegre: PPGCOM/ UFRGS, Julho, 2011.

RADDATZ, V. L. S. **Rádio de fronteira:** da cultura local ao espaço global. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SIBILIA, P. **O show do eu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998

_____. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.